

# Teófilo Braga

1843-1924

– no centenário  
da sua morte



Câmara Municipal de Ponta Delgada  
Museu da Presidência da República

## CATÁLOGO

### Edição

Museu da Presidência da República  
Câmara Municipal de Ponta Delgada –  
Vereação da Cultura

### Produção

Museu da Presidência da República  
Divisão de Cultura, Turismo  
e Animação – Unidade Orgânica  
de Património Cultural

### Direção

Maria Antónia Pinto de Matos (MPR)  
José de Almeida Mello (CMPD)

### Coordenação Científica

Elsa Santos Alípio (MPR)

### Coordenação Geral

André Sá Borges (CMPD)

### Coordenação Executiva

Maria João Fontes (CMPD)  
Rita Costa (MPR)  
Susana Bettencourt (CMPD)

### Textos

Alexandre Tojal  
Amadeu Carvalho Homem  
António Araújo  
Catarina Teixeira Pereira  
Elsa Santos Alípio  
José Brandão da Luz  
José de Almeida Mello  
Odília Alves Gameiro

### Catálogo e Cronologia

Alexandre Tojal (MPR)  
Elsa Santos Alípio (MPR)  
Rita Costa (MPR)  
Rui Manuel Almeida (MPR)

### Design Gráfico

Ophelia – Estúdio Design  
& Comunicação

### Revisão

Alexandre Tojal (MPR)  
Elsa Santos Alípio (MPR)  
Rita Costa (MPR)

### Créditos Fotográficos

António Alfredo: cat. 3, 10, 11, 21, 27,  
28, 46, 47, 63, 69, 75, 76, 77, 80, 81,  
82, 83, 84, 86, 96, 102, 109, 119.  
Biblioteca Pública e Arquivo Regional  
de Ponta Delgada: p. 81 e 87.  
Câmara Municipal de Vila do Porto/  
Santa Maria: p. 91.  
Eduardo Costa: p. 218.  
Hugo Moreira: cat. 11, 14, 34, 36, 45,

48, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 61, 65, 67, 70,  
72, 97, 120.

João Freitas: p. 70.

José Manuel Costa Alves: cat. 87.

Museu da Presidência da República:  
cat. 1, 13, 29, 85, 121.

### Impressão

Soartes, Artes Gráficas Lda.

### ISBN

978-972-8971-91-5

### Depósito Legal

537301/24

### Tiragem

450

### 1.ª Edição

Outubro de 2024

## EXPOSIÇÃO

### Realização

Museu da Presidência da República  
Câmara Municipal de Ponta Delgada –  
Vereação da Cultura

### Produção

Museu da Presidência da República  
(MPR)  
Divisão de Cultura, Turismo  
e Animação – Unidade Orgânica  
de Património Cultural

### Com o apoio

Biblioteca Pública e Arquivo Regional  
de Ponta Delgada (BPARPD)

### Direção

Maria Antónia Pinto de Matos (MPR)  
José de Almeida Mello (CMPD)  
Iva Matos Cogumbreiro (BPARPD)

### Comissária Científica

Elsa Santos Alípio (MPR)

### Textos

Alexandre Tojal (MPR)  
Elsa Santos Alípio (MPR)  
Rita Costa (MPR)  
Rui Almeida (MPR)

### Coordenação executiva

Elsa Santos Alípio (MPR)  
André Sá Borges (CMPD)

### Produção

Alexandre Tojal (MPR)  
André Sá Borges (CMPD)  
Elsa Santos Alípio (MPR)  
Maria João Fontes (CMPD)  
Ronaldo Couto (CMPD)

Rita Costa (MPR)

Rui Almeida (MPR)

Susana Bettencourt (CMPD)

### Apoio à Produção

Alexandra Travanca (BPARPD)  
Catarina Teixeira Pereira (BPARPD)  
Jorge Inácio (MPR)  
Maria Imaculada Almeida (BPARPD)  
Nuno Pereira (BPARPD)  
Odília Alves Gameiro (BPARPD)  
Paula Pimentel (BPARPD)  
Paula Rolo (BPARPD)  
Raquel Christiano Sousa (BPARPD)  
Válter Rebelo (BPARPD)

### Vídeo Biográfico

Museu da Presidência da República

### Tradução

Pilar Borges (CMPD)

### Montagem

BPARPD  
CMPD  
MPR

### Apoio à montagem

Daniel Carvalho  
Marco Franco  
Olívia Sousa

### Design Gráfico

Ophelia – Estúdio Design  
& Comunicação

### Comunicação

Unidade Orgânica de Comunicação  
e Imagem (CMPD)  
Museu da Presidência da República  
(MPR)

### Transportes

Feirexpo

### Seguros

Hiscox

# Teófilo Braga e os Açores. Para um Roteiro Cultural na Cidade de Ponta Delgada

José Luís Brandão da Luz  
Universidade dos Açores  
Centro de Estudos Humanísticos

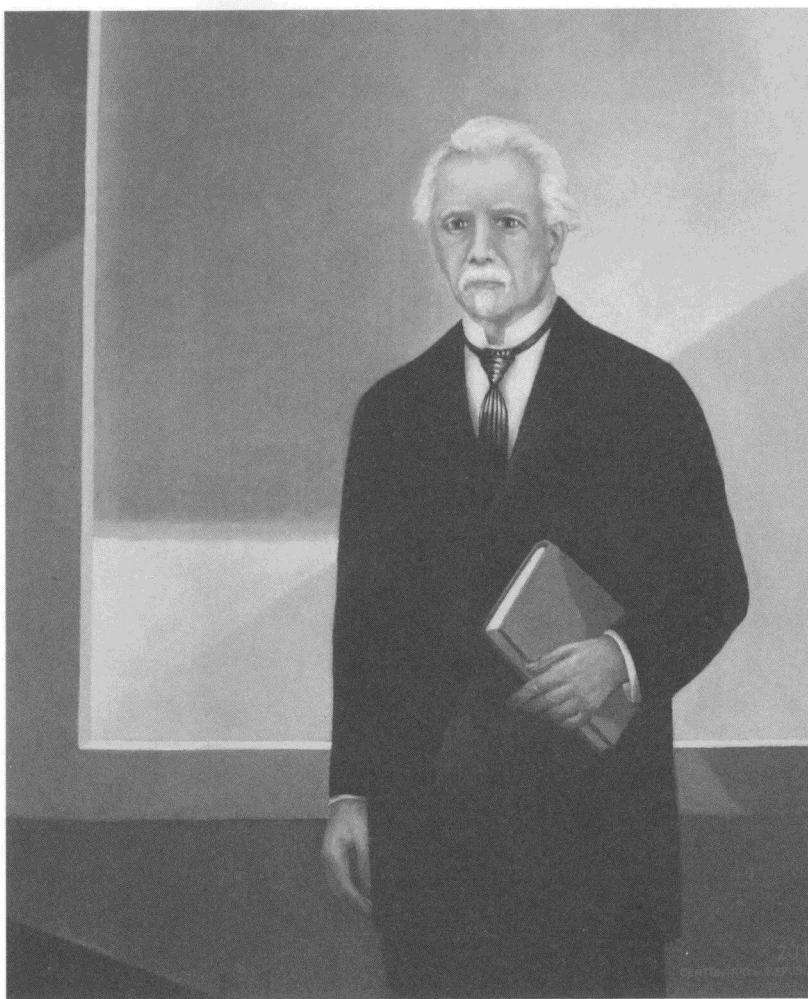
*(...) depois de formado, não quis voltar à Ilha. Não se faria justiça ao meu esforço, ao meu trabalho e ter-se-ia dito que a minha família é que me fizera gente! O meu orgulho não o consentiu. Mas através da minha longa vida sempre me interessou tudo o que pudesse interessar os Açores...*

(Teófilo Braga, em *Correio dos Açores*, 13 de julho de 1922)

Teófilo Braga saiu de Ponta Delgada aos 18 anos para ir estudar Direito na Universidade de Coimbra. Foi uma viagem sem regresso, escreveu três anos mais tarde, à irmã mais velha Maria José da Câmara Braga, quando já gozava de alguma notoriedade no mundo das letras. Em jeito de confidência, dizia-lhe: *Eu nunca disse a meu pai, mas não vou para a Ilha de S. Miguel. A voltar um dia é para saíres comigo de lá para sempre.* As razões desse desprendimento estão bem enunciadas na epígrafe, que tomámos numa entrevista que concedeu ao *Correio dos Açores*, em que também revelava nunca ter sofrido da *doença do Açoreano, o apego ferrenho às ilhas que raramente deixam de sentir os que delas se afastam.*

Nessa entrevista que, dois anos antes de morrer, concedeu ao então jovem Gaspar Read Henriques, mais tarde diretor do *Correio dos Açores* por vários anos, alude aos anseios autonomistas das ilhas e fala dos seus *grandes recursos económicos, industriais e comerciais.* Refere-se também à *insularidade* para reclamar do governo central do reino a maior atenção e solidariedade, ao mesmo tempo que se pronuncia sobre as pretensões autonomistas dos açorianos, valendo-se de um discurso hesitante a oscilar entre a objurgatória para que

Lisboa se não esqueça de que os Açores existem, para ponderar e resolver as suas reivindicações, e o reconhecimento de que os açorianos *devem ser considerados os melhores juízes das suas conveniências*. É ainda nessa entrevista, a propósito de uma inadvertência que o fazia passar por natural do Porto, cidade de onde sua mulher era originária, que deixa exarada a proclamação do *orgulho em ser Açoreano*, ao mesmo tempo que se apruma, com fervor e emoção, para proferir a declaração seguinte: *As nossas ilhas são o foco da melhor tradição nacional. Nunca reneguei a minha terra (...). Sou ilhéu, nasci nesses rochedos donde irradiou o espírito das autonomias*. E no decorrer da entrevista, centrada nas suas recordações de Ponta Delgada, evoca com saudade vários ambientes e personalidades, de modo particular a estreita ligação ao Liceu de Ponta Delgada.



Retrato de Teófilo Braga, pintado para assinalar o primeiro centenário da República Portuguesa.  
Tomaz Borba Vieira / 2010 / Acrílico sobre tela /  
Presidência do Governo dos Açores – Palácio de Sant’Ana, n.º inv. PS0583

1. Teófilo, desde menino, passava muito do seu tempo no então recém-criado Liceu, que começou a funcionar no antigo Convento dos Gracianos. Acompanhava o pai, Joaquim Manuel Fernandes Braga, que desempenhava as funções de secretário, segundo diz, e também de professor de Filosofia Racional e Moral e Direito Natural. A Biblioteca Municipal, que se encontrava instalada no mesmo edifício, proporcionou-lhe estreita proximidade com os livros, nomeadamente a obra poética de Garrett, em que *Folhas Caldas* inspiraram o seu primeiro livro de poemas.

Na memória de antigos condiscípulos e amigos do Liceu conservaram-se alguns episódios que o mostram empenhado, desde muito cedo, no cultivo das letras e na firme segurança das suas convicções e atitudes. Em *A Homenagem*, uma publicação do Liceu de Ponta Delgada especialmente organizada para celebrar os 50 anos de vida literária de Teófilo, é recordado o confronto verbal que, no exame de Francês, opôs o jovem Teófilo ao seu examinador, Dr. André António Avelino, médico, formado em Paris e reitor do Liceu, que insistia em corrigir a tradução dum texto de Chateaubriand, que lhe saíra em prova oral. A firmeza com que manteve o seu ponto de vista valeu-lhe a reprovação na cadeira, mas não a derrota da sua tradução, pois, após o exame, fez chegar ao seu reitor e examinador uma tradução de Camilo, existente na biblioteca, que confirmava o seu juízo.

É também na aula de Francês do professor João Hermeto Coelho de Amarante, mais tarde *um dos maiores admiradores de Teófilo*, como se lê n'*A Homenagem*, que tem lugar a troca de palavras provocada pela desconfiança que o professor manifestara aos projetos de Teófilo. Este dissera que queria, no futuro, ser doutor e, face ao ceticismo que os reparos de Hermeto teriam manifestado quanto à viabilidade de tal propósito, Teófilo ripostou de imediato, lastimando que o professor manifestasse tanta falta de *faro*.

Teófilo Braga tomou consciência da sua vocação literária, desde muito jovem, e vislumbrou horizontes que da sua ilha não poderia alcançar. Ainda não tinha completado 15 anos de idade quando se iniciou nas letras, publicando, no jornal da Ribeira Grande *A Estrela Oriental*, um poema dedicado a seu irmão João, que havia sido forçado pelo pai a assentar praça no Regimento de Infantaria de Ponta Delgada, após regressar da viagem, sem sucesso, que o tinha levado ao Brasil. Passado pouco mais de um ano, em 1859, publicou o primeiro livro de versos *Folhas Verdes*, com o patrocínio do visconde da Praia. Na sequência desta publicação poética, escreveu a Inocêncio Francisco da Silva, o autor do *Dicionário Bibliográfico*, a solicitar-lhe uma orientação crítica para a sua produção literária. Inocêncio, que se mostrou impressionado com a erudição do jovem correspondente, acolheu bem o pedido e veio, mais tarde, a apoiá-lo na sua primeira estadia em Lisboa, quando partiu dos Açores a caminho da Universidade.

2. Ao chegar a Coimbra, era a Francisco Maria Supico, seu protetor na juventude, que Teófilo escrevia a partilhar os receios e desencorajamentos no êxito dos seus projetos, como nesta carta em que identificava ao seu confidente os primeiros adversários que teria de vencer: *tenho por únicos inimigos os parcos meios*



Alunos do antigo Liceu de Ponta Delgada – Igreja do Convento de Nossa Senhora da Graça dos eremitas de Santo Agostinho (localmente conhecidos por Gracianos). António Correia de Mendonça – Photographia Mendonça (fotografia) / Ponta Delgada, 1891-1893 / Instituto Cultural de Ponta Delgada, PT/ICPD/CFD.02265

*de que disponho e a série de exames a que me vou expor. A integração neste novo meio foi dificultada pelo revés na admissão à Faculdade de Direito e é com a irmã Maria José que desabafa os desalentos que lhe transformam a vida num horto de agonias. O desejo de morrer apresenta-se como forma de evasão do pesado fardo que cada dia carrega sobre os ombros. A Universidade de Coimbra constituía a etapa nuclear de um projeto tenazmente perseguido, como torna bem explícito no livro *Mocidade de Teófilo*, numa carta a Francisco Maria Supico, de 28 de dezembro de 1862: *Desde que me achei matriculado no 1.º ano da Faculdade de Direito, deu-se uma grande pacificação no meu espírito (...). Confesso-lhe que pela primeira vez senti na vida o que é a alegria moral.**

Supico era natural da Lousã, vila próxima de Coimbra, e fixou-se em S. Miguel, em 1852, para exercer as funções de farmacêutico da Misericórdia de Ponta Delgada. Com 22 anos de idade, integrou-se na vida cultural mi-caelense e acabou por reunir à sua volta um *pequeno grupo de estudiosos cujo centro era em nossa residência*, conforme evocou anos depois, na secção intitulada «Escavações», que manteve durante anos no seu jornal *A Persuasão*. O grupo, formado por estudantes do Liceu, esteve ligado a várias iniciativas, dele fazendo parte, entre outros, Teófilo Braga e Teófilo Ferreira. Este último, natural das Flores, saiu aos 16 anos de idade da sua ilha para S. Miguel, onde

trabalhou como caixeiro e tipógrafo, num jornal de Supico, e mais tarde, em 1868, como apurou José Arlindo Armas Trigueiro em *Florentinos que se Distinguiram*, foi para Lisboa onde se distinguiu como médico, professor, autarca e deputado pelo círculo da Horta, nas eleições de 1890. Supico acolheu Teófilo Ferreira e amparou também as primeiras produções poéticas de Teófilo Braga.

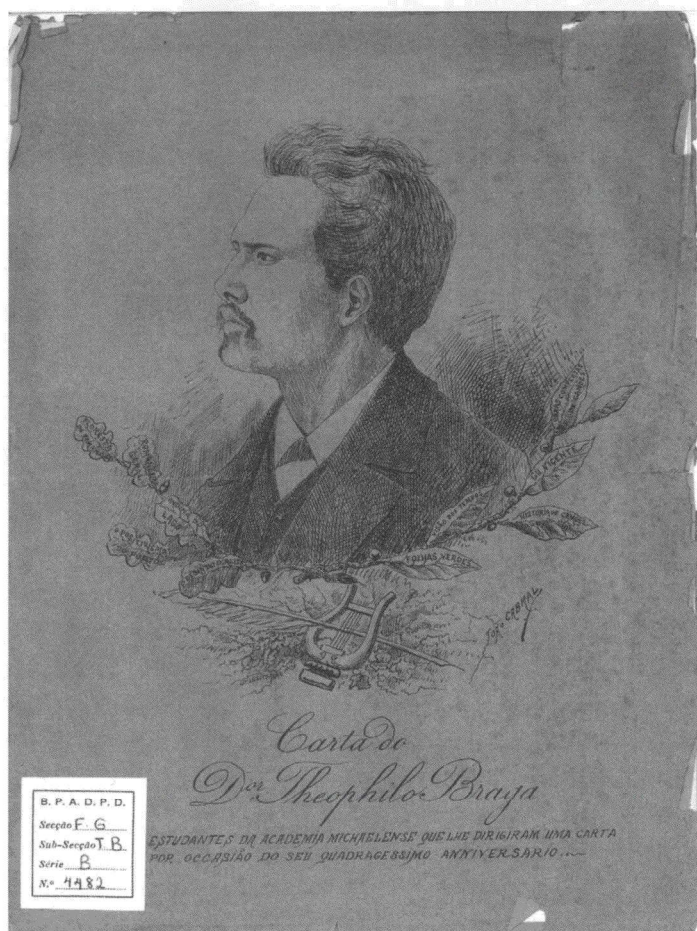
3. Ainda estudante, em Coimbra, Teófilo ganhou notoriedade e projeção no país e no Brasil como poeta de *Visão dos Tempos*, uma obra publicada em 1864 em que trocou o molde intimista que o romantismo havia imposto à poesia pela exaltação das diferentes fases da gesta histórica da humanidade. Recebeu manifestações de apreço de vários literatos e a distinção dum teatro de Lisboa e outro do Porto terem incluído nos seus reportórios a recitação da *Stella Matutina*, poemeto sobre a primeira lágrima chorada no mundo, uma lágrima que cai dos olhos de Eva, depois do pecado, e que Deus transformou numa estrela – Nadir –, a luz da civilização do futuro.

As celebrações das suas «bodas de ouro literárias», realizadas em Lisboa, contaram com a publicação do volume *Quinquagenário, que reuniu juízos críticos e depoimentos firmados por escritores de orientações tão diferentes, de maneiras literárias tão opostas (...), dando a medida de unidade construtiva da obra larga e complexa de Teófilo Braga*, conforme se explica na sua apresentação. Também os alunos do Liceu de Ponta Delgada, Luciano Mont'Alverne e Félix Horta, associando-se às celebrações nacionais, publicaram o número único duma revista intitulada *A Homenagem* e organizaram um sarau músico-literário que incluiu a representação de um *Auto da Vida*, especialmente composto pelos promotores para o efeito.

A imprensa local acompanhava a progressão literária e académica de Teófilo, que se impunha como figura de primeiro plano no panorama cultural português. A produção poética, a vastidão de estudos que publicava em diferentes áreas, com destaque para a literatura, a filosofia e a etnologia, a intensa atividade política em prol dos ideais republicanos, assim como a grande projeção que alcançava no país e no estrangeiro, tudo isto suscitava a atenção e a deferência dos intelectuais e dos jovens estudantes, que viam nele um exemplo edificante de grandeza intelectual e moral que prestigiava os Açores além-fronteiras. Assim, quando em 1886-1887, no espaço de *apenas três meses e onze dias*, lhe morreram os dois filhos, com 13 e 16 anos de idade, Teófilo e sua mulher mergulham numa *angústia que cresce com o tempo*, deixando-os, ao fim de 20 anos de casados, *sós diante um do outro, com três filhos na cova, e olhando desalentados para um passado que nos mentiu*, conforme desabafa em carta a sua irmã. Nessa altura, recebe da terra longínqua uma prova inesquecível de solidariedade: *os estudantes do Liceu enviaram-lhe uma mensagem de afetuosa condolência*, como, passados mais de 30 anos, ainda fez menção de evocar na autobiografia *Mocidade de Teófilo*, cuja autoria atribui a Francisco Maria Supico, já após a morte deste vulto do jornalismo micaelense.

As relações do Liceu de Ponta Delgada com Teófilo parecem mesmo constituir uma tradição da escola, pois já anteriormente, ao celebrar o quadragésimo

aniversário natalício, um grupo de alunos do nosso Liceu escreve a felicitação pela efeméride, conforme ficamos a saber por carta de agradecimento do próprio Teófilo, que, em tempos, transcrevemos na *Insulana*. Nela exorta os seus jovens admiradores à firmeza de carácter e a fazerem sua a máxima de Auguste Comte de conceder *toda a atenção às pessoas e a máxima intransigência para as ideias*. Ao mesmo tempo, confessa a sua dívida para com a sua antiga escola, nos seguintes termos: *Todos os planos de trabalho que tenho realizado, todos os pensamentos que têm sido a moral das minhas ações, nasceram, desabrocharam, formaram-se em germes latentes, nesse período de juvenildade ao ruído franco e alegre desse vaivém das aulas do Liceu micaelense*. Anos depois, na entrevista ao *Correio dos Açores* a que já nos referimos, diz que o *Liceu foi a libertação para a minha infância, foi o seio materno. Foi lá que a alma da minha infância respirou*.

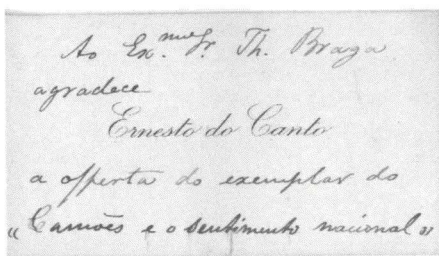


Carta de Teófilo Braga dirigida aos estudantes da Academia Michaelense, do Liceu de Ponta Delgada, agradecendo as palavras elogiosas que enviaram, por ocasião do seu 40.º aniversário.

Lisboa, 4 de março de 1883 / Biblioteca Pública e Arquivo Regional de Ponta Delgada, ATB/CX012/111

Teófilo manteve vivos os laços familiares, escrevendo com regularidade ao pai e à irmã mais velha, que continuaram a viver em Ponta Delgada, e aos amigos que deixou na ilha, em especial Supico. Porém, a nível mais alargado, foi o interesse pelas coisas dos Açores que fez também dele uma referência central para muitos intelectuais e investigadores açorianos, como testemunha a vasta correspondência.

4. A ligação de alguma elite intelectual açoriana com Teófilo era de grande proximidade e até amizade, como terão sido as relações com Ernesto do Canto, de Ponta Delgada, e João Teixeira Soares de Sousa, das Velas de S. Jorge. A correspondência dá conta de um vaivém contínuo de questões, esclarecimentos e apoios diversos, em geral ligados à investigação em que se achavam envolvidos, como obtenção de cópias de documentação na Torre do Tombo ou em bibliotecas e arquivos europeus, aproveitando as boas ligações de Teófilo com entidades estrangeiras que facilitavam essa recolha. Entre as cartas que Ernesto do Canto lhe dirige, de 1875 a 1883, publicadas em 1903, em *Teófilo Braga – Quarenta Anos de Vida Literária, 1860-1900*, é possível perceber a intensidade de um circuito de várias personalidades açorianas envolvidas em pesquisas genealógicas e históricas, que partilhavam dúvidas, sugestões e informações sobre pontos da história dos Açores, assunto intensamente trabalhado por Ernesto do Canto para a publicação da *Biblioteca Açoriana* e também do *Arquivo dos Açores*. Nas 24 cartas incluídas nesse volume de homenagem a Teófilo, é possível perceber as diligências e os cuidados postos na organização de uma linha avançada de apoio à recolha de documentação em instituições distantes, que incluía, além do ajustamento do preço do serviço de cópia dos documentos, indicações de pormenor sobre o perfil do prestador do serviço, *um copista hábil* que fizesse o serviço *devagar e bem, conferindo o seu trabalho*, e ainda o estilo da cópia, que deveria ser em *bom papel almaço pautado com margens de uma polegada*, conforme se pode ler na carta de 28 de outubro de 1875. Teófilo era solícito em satisfazer o que lhe era pedido, nomeadamente, arranjando sem demoras copistas que se encarregavam da transcrição dos documentos e fazendo-os chegar ao destinatário, assim como livros que iam sendo publicados, por intermédio da Livraria de Augusto Ferin. Simultaneamente, estabelecia ligação a outros investigadores que solicitavam ao erudito micalense informações de índole histórica. Por sua vez, Ernesto do Canto procurava reunir alguns contos do romancista açoriano que complementassem o valioso acervo que João Teixeira Soares de Sousa tinha enviado a Teófilo e que este publicou com o título *Cantos Populares do Arquipélago Açoriano*. Com regularidade, Ernesto do Canto enviava para Teófilo várias remessas de contos que, conforme esclarece em carta de 31 de janeiro de 1876, uma de suas filhas, de apenas 11 anos, e também o sobrinho, Eugénio Pacheco, recolhiam, *com uma redação impossível*, escrevia em jeito de desculpa, a partir das histórias que *as criadas e as mulheres do nosso povo narram por tradição oral, e com que se entretém a curiosidade das crianças e da gente rústica*.



Cartão de visita de Ernesto do Canto a Teófilo Braga agradecendo a oferta do exemplar da obra *Camões e o Sentimento Nacional*.

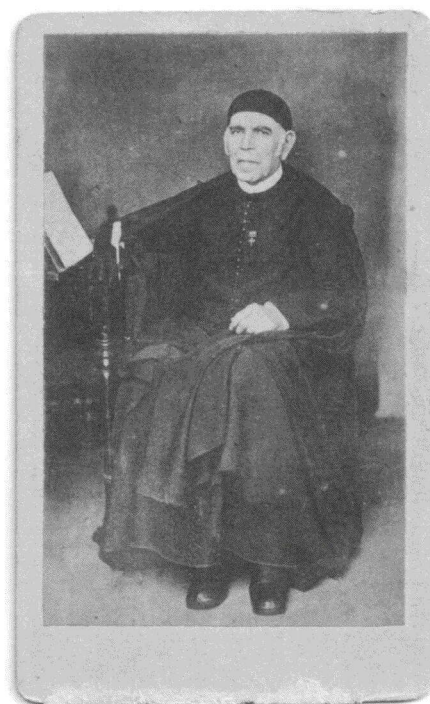
c. 1891 / Biblioteca Pública e Arquivo Regional de Ponta Delgada, ATB/CX017/061

José do Canto, em carta de 5 de fevereiro de 1895, também incluída no livro *Quarenta Anos de Vida Literária*, dá conta da reação de Teófilo à oferta do *Catálogo* que o bibliófilo açoriano publicou naquele ano sobre a sua Camoniana. Este importante trabalho apresenta, de forma comentada, a preciosa coleção de várias edições da obra de Camões e outros livros com ela relacionados que, em 10 de junho de 1880, já reunia condições para ser exposta na Biblioteca Pública de Ponta Delgada para integrar o programa das comemorações do terceiro centenário da morte de Camões, conforme Ernesto do Canto informa Teófilo, em carta de 19 de maio do mesmo ano. Agradecendo-lhe o *amigável e benigno acolhimento* que se dignou dispensar ao seu *Catálogo*, José do Canto confessa-se devedor do que aprendeu com a leitura dos vários estudos que Teófilo dedicou a Camões, a quem também se ficou a dever a iniciativa de o apresentar ao país como símbolo inexcusável da identidade nacional e de tornar acessível ao grande público a edição d' *Os Lusíadas*. Será ainda Teófilo Braga quem, na Academia Real das Ciências de Lisboa, como então se denominava, na sessão de 11 de junho de 1896, apresenta o parecer justificativo da proposta de admissão de José do Canto para sócio correspondente, na base do qual foi posteriormente eleito, em sessão de 9 de julho de 1897.

5. Também o conhecido naturalista Francisco de Arruda Furtado, natural de Ponta Delgada, recorria a Teófilo para dar a conhecer os projetos de investigação que tinha programado no campo da antropologia e solicitar parecer sobre a pertinência das suas hipóteses, chegando mesmo a partilhar com ele os resultados das suas pesquisas. Nas três cartas inseridas em *Teófilo Braga – Quarenta Anos de Vida Literária*, também publicadas em outros lugares, Arruda Furtado, na carta de 29 de dezembro de 1882, tece longas considerações sobre a importância dos estudos antropológicos para apurar *a que raça pertence o sangue predominante de um povo*. Partilha a convicção de que esta nova ciência lhe irá permitir suprir as lacunas da documentação histórica, graças ao estudo comparativo do vocabulário, pronúncia, fisionomia, costumes e outros traços da população entre as regiões de S. Miguel e as províncias de Portugal, para assim estabelecer uma ligação de proveniência que nunca foi muito conclusiva.

Dos naturais de Ponta Delgada que mantiveram um relacionamento com Teófilo, conta-se ainda David Cohen, proveniente de uma conhecida família da cidade. Viveu a partir dos 22 anos em Paris, de onde lhe escreveu sobre

os seus estudos em línguas orientais. Em carta com data de 6 de novembro de 1878, transmitia a Teófilo as referências elogiosas que Littré teceu sobre a sua obra, quando o abordou para apresentar o projeto duma escola internacional inspirada na filosofia positiva. Ao mesmo tempo, dava a conhecer as suas competências em latim, francês e inglês, assim como em hebraico e árabe, e o propósito de se especializar no conhecimento destas línguas, o que o levou a inscrever-se em duas escolas superiores, em Paris, onde se teria formado em língua árabe, em 1888. Por meio desta correspondência, procurou empenhar Teófilo a promover diligências para a criação de uma cadeira de línguas semíticas no Curso Superior de Letras, a que gostaria de concorrer. Disponha-se mesmo a assegurar por algum tempo a sua lecionação, de modo a preparar continuadores. Desconhecemos quaisquer referências a esta personalidade que parece arredada do *radar dos historiadores do Orientalismo em Portugal*, como apurou André Filipe Oliveira da Silva, num estudo de 2022 «Vias alternativas para o estudo dos arabistas e hebraístas portugueses – o exemplo da correspondência de Teófilo Braga». Aludimos a este relacionamento tão só para pôr em evidência o âmbito das ligações que Teófilo centralizava e onde a presença de intelectuais açoriananos era diversificada, intensa e acolhida com grande solicitude.



Joaquim Silvestre Serrão (padre Serrão). No verso da fotografia, apresenta-se o programa de um recital em sua homenagem, organizado para obter fundos para a edificação de uma estátua para o seu túmulo.

Ponta Delgada, 1882 / Instituto Cultural de Ponta Delgada, PT/ICPD/CFD.00179

Em 1906, publicou nos *Anais da Academia de Estudos Livres* um estudo com o título «Joaquim Silvestre Serrão e a música religiosa em Portugal», em que atendia ao valor da obra musical de Serrão e ao seu papel na renovação da música sacra em Ponta Delgada, de 1841 até 1877, data em que faleceu. O sacerdote setubalense foi músico e organista, primeiro na Igreja de S. José e depois na Matriz de S. Sebastião, e Teófilo assegura que *tinha ouvido cantar todas as matinas de Serrão desde 1854 a 1860, dos meus onze aos dezasseis anos*, ou seja, quase até sair de Ponta Delgada com destino a Lisboa. Não se apercebia, na altura, do alto valor da música do *insigne maestro português*, particularmente enaltecida por Martino Roeder, na *Gazzeta Musicale* de Milão, em 1876, talvez com algum excesso, como terá apurado Isabel Albergaria. Nesse estudo, Teófilo deixa ainda várias memórias *das composições do imortal Serrão* que tinha ouvido em Ponta Delgada, de que destacamos a seguinte: *No convento das freiras da Esperança, ouvi bastantes vezes cantada a antífona Sub tuum praesidium com a mais empolgante ternura das vozes femininas, dando à emoção religiosa a completa efusão da piedade*. E recorda audições no Conservatório de Lisboa, designadamente uma peça musical de Perosi (1872-1956), compositor italiano de música sacra, muito reconhecido desde finais do século XIX, que Teófilo aproxima dos *inesgotáveis recursos de harmonia* das composições do padre Serrão.

Teófilo saiu dos Açores ainda jovem, cheio de projetos que foi concretizando, a pulso, em Coimbra e Lisboa. Muito cedo formou a ideia de jamais retornar às suas origens, como declara no final da vida: *ter-se-ia dito que a minha família é que me fizera gente! O meu orgulho não o consentiu*. A terra natal, porém, jamais saiu do seu pensamento, pois, como também afirmou, *através da minha longa vida sempre me interessou tudo o que pudesse interessar os Açores*. A vasta e intensa correspondência só depõe a seu favor, mostrando-o sempre em permanente envolvimento com os intelectuais e os estudiosos das temáticas açorianas.

## Bibliografia

- Braga, Teófilo. Entrevista a Gaspar Henriques, *Correio dos Açores*, 13 de julho de 1922, em Carlos Cordeiro (org.) *Na Senda da Identidade Açoriana (Antologia de Textos do Correio dos Açores)*. Ponta Delgada: Gráfica Açoreana, L<sup>da</sup>, 1995, pp. 83-88.
- Braga, Teófilo. *Teófilo Braga – Quarenta Anos de Vida Literária, 1860-1900*. Lisboa: Tipografia Lusitânia, 1902.
- Braga, Teófilo e Braga, Maria José. *Minha Freira: Cartas Familiares*, org., int. e notas por José Luís Brandão da Luz. Ponta Delgada: Instituto Cultural de Ponta Delgada, 1996.
- Brandão da Luz, José Luís. *Os Açores na Filosofia e nas Ciências. Estudos I*. Ponta Delgada: Letras Lavadas Edições, 2018.
- Carvalho Homem, Amadeu. *A Ideia Republicana em Portugal. O Contributo de Teófilo Braga*. Coimbra: Livraria Minerva, 1989.
- Supico, Francisco Maria. *Mocidade de Teófilo*. Lisboa: Instituto Teofiliano, 1920.